

**CRÔNICAS DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA
SENHORA: registros de uma trajetória missionária e educacional - Alemanha
e Forquilha - SC (1935-1964)**

CRÓNICAS DE LA CONGREGACIÓN DE LAS HERMANAS ESCOLARES DE
NOTRE DAME: Registros de una trayectoria misionera y educativa – Alemania
y Forquilha - SC (1935-1964)

CHRONICLES OF THE CONGREGATION OF THE SCHOOL SISTERS OF NOTRE
DAME: records of a missionary and educational trajectory - Germany and
Forquilha - SC (1935-1964)

Cintia Gonçalves Martins¹

<https://orcid.org/0000-0002-5073-1026>

Giani Rabelo²

<https://orcid.org/0000-0002-3304-8268>

Resumo

O presente artigo analisa a chegada, a atuação escolar e missionária das religiosas da Congregação das “Irmãs Escolares de Nossa Senhora”, em Forquilha, Santa Catarina, Brasil, no início do século XX. A Congregação foi fundada na Alemanha, no ano de 1833, pela religiosa Maria Teresa de Jesus Gerhardinger e expandiu-se para diferentes continentes com o objetivo de auxiliar na educação escolar e catequética de crianças e adultos, em especial em localidades onde haviam colônias de migrantes de origem alemã. A pesquisa utilizou como fonte central do estudo o livro de Crônicas do Colégio Sagrada Família, escrito pelas freiras da Congregação. Referido livro de Crônicas se apresenta como um meritório documento histórico em razão de seus registros, que relatam o processo de saída da Alemanha até a chegada das Irmãs Escolares na então colônia alemã de

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (PPGE/UNESC). Membro do grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior PROSUC/CAPES/UNESC. E-mail: cintiamartins@unesc.net

² Pós-doutorado na Universidade de Lisboa e Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), atuando nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS) e no Curso de Pedagogia. Líder do Grupo de Pesquisa "História e Memória da Educação" (GRUPEHME). E-mail: gra@unesc.net

Como referenciar este artigo:

MARTINS, Cintia Gonçalves; RABELO, Giani. Crônicas da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora: registros de uma trajetória missionária e educacional - Alemanha e Forquilha - SC (1935-1964). *Revista Pedagógica*, v. 23, p. 1-21, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22io.6477>

Forquilha. Nele se encontram registros sobre as dificuldades encontradas, as realizações e os trabalhos escolares e catequéticos realizados tanto na escola como na comunidade.

Palavras-chave: Educação. Religiosas. Crônicas.

Resumen

Este artículo analiza la llegada, la escuela y las actividades misioneras de las religiosas de la Congregación de las “Irmãs Escolares de Nossa Senhora”, en Forquilha, Santa Catarina, Brasil, a principios del siglo XX. La Congregación fue fundada en Alemania, en 1833, por la religiosa María Teresa de Jesús Gerhardinger y se expandió a diferentes continentes con el objetivo de ayudar en la educación escolar y catequética de niños y adultos, especialmente en lugares donde había colonias de inmigrantes de Alemania. origen. La investigación utilizó como fuente central del estudio el libro Crônicas del Colegio Sagrada Familia, escrito por las monjas de la Congregación. Este libro de Crônicas se presenta como un valioso documento histórico por sus registros, que relatan el proceso de salida de Alemania hasta la llegada de las Hermanas Escolares a la entonces colonia alemana de Forquilha. Contiene registros de dificultades encontradas, logros y trabajo escolar y catequético realizado tanto en la escuela como en la comunidad.

Palabras clave: Educación. Religioso. Crônicas.

Abstract

This article analyzes the arrival, school and missionary activities of the religious of the Congregation of the “Irmãs Escolares de Nossa Senhora” in Forquilha, Santa Catarina, Brazil, at the beginning of the 20th century. The Congregation was founded in Germany, in 1833, by the religious Maria Teresa de Jesus Gerhardinger and expanded to different continents with the objective of helping in the school and catechetical education of children and adults, especially in places where there were colonies of migrants of German origin. The research used as the central source of the study the book Chronicles of the Holy Family College, written by the nuns of the Congregation. This book of Chronicles presents itself as a worthy historical document due to its records, which report the process of leaving Germany until the arrival of the School Sisters in the then German colony of Forquilha. It contains records of difficulties encountered, achievements and school and catechetical work carried out both at school and in the community.

Keywords: Education. Religious. Chronicles.

INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME) da Universidade do Extremo Sul de Catarinense (UNESC) vem realizando, ao longo de mais de 20 anos, pesquisas e estudos relacionados à preservação e reconstrução da história e memória das instituições escolares públicas e privadas da região do extremo sul catarinense.

Empenhados/as em promover ações de preservação dos bens materiais e imateriais de algumas instituições e nos últimos anos, os membros do GRUPEHME vêm atuando em processos de implantação de espaços de preservação do patrimônio educativo³. Em função de sua atuação nessa área, o GRUPEHME conquistou regionalmente uma importância significativa, o que fez com que algumas instituições educacionais demandassem parcerias na condução de trabalhos em prol da preservação de seus patrimônios documentais e museológicos.

Desse modo, no mês de janeiro de 2019, o GRUPEHME iniciou os trabalhos para a implantação do Centro de Memória do Colégio Sagrada Família, localizado na cidade de Forquilha, SC, em parceria com o Centro de Memória e Documentação (CEDOC) da UNESC.

O Colégio Sagrada Família foi fundado em 1935 pelas Irmãs Escolares de Nossa Senhora (IENS). As primeiras religiosas chegaram da Alemanha no dia 21 de outubro de 1935 e foram à colônia alemã de Forquilha⁴, que pertencia ao município de Criciúma à época. Atualmente, a escola conta com um conjunto de edifícios de típica arquitetura alemã, em um espaço privilegiado na área central da cidade e preserva acervo documental e museológico importante, o qual testemunha sua longa trajetória. No processo de implantação do Centro de Memória, foram mapeados diversos utensílios escolares e documentos, entre eles o livro denominado Crônicas II, do Instituto Sagrada Família de Forquilha, Criciúma, SC, redigido na língua alemã, posteriormente traduzido para a língua portuguesa.

O livro Crônicas está dividido em duas partes e contém relatos históricos apresentados em ordem cronológica, uma espécie de diário da congregação. A primeira parte, datada de 1935 a 1936, foi redigida na língua alemã pela Madre Adolfine Meisner e traduzida para o português pela Irmã M. Norberta Ogniewski. Na segunda parte, as

³ Atualmente, o GRUPEHME está trabalhando em dois projetos para a construção do Centro de Memória da E. E. B. Barão do Rio Branco, em Urussanga (um desdobramento dos trabalhos realizados no CEMESC), e no Colégio Sagrada Família, em Forquilha. Também na apresentação do Projeto de Lei PL/031.3/2013 na Assembleia Legislativa de Santa Catarina a fim de instituir a Política Estadual de Preservação do Patrimônio Escolar em Santa Catarina. Em decorrência da pandemia mundial do novo Coronavírus (COVID-19), iniciada no Brasil em março de 2020, os trabalhos realizados nas escolas estão temporariamente pausados, então tendemos a retornar nossas atividades quando a pandemia cessar e a nossa presença nesses espaços não colocar em risco a vida de seus/suas trabalhadores/as.

⁴ Forquilha se tornou município em 26 de abril de 1989.

crônicas foram escritas pela Irmã M. Norberta Ogniewski e Madre Maximilia Keboth, também em língua alemã, sendo traduzida pela Irmã M. Helena Arns, com datação de 1936 a 1964. Trata-se de um caderno do tipo escolar com escritos em 136 páginas.

É bem provável que essa prática adotada não só por essa congregação, mas utilizada no meio eclesial, tenha sua procedência ligada aos escritos bíblicos, principalmente ao Antigo Testamento, no qual aparecem os livros de Crônicas I e II, que discorrem desde o tempo de Adão até a época do rei Ciro da Pérsia.

Para este estudo, o livro Crônicas II do Instituto Sagrada Família se apresenta como meritório documento histórico em razão de seus registros detalhados, que relatam o processo de saída da Alemanha, a chegada das Irmãs Escolares à colônia alemã de Forquilha e a instalação da escola. Nele há uma descrição minuciosa das nuances das dificuldades e dos estranhamentos em relação ao novo território, ao clima e ao modelo cultural distinto daquele experienciado na Alemanha dos anos de 1930. Os registros trazem também relatos dos trabalhos na escola e na comunidade, nas celebrações festivas na igreja, oferecendo detalhes sobre o processo de adaptação das religiosas ao adentrarem uma desconhecida realidade, a partir de uma cultura pautada em valores europeus e católicos. Portanto, traz vestígios daquela cultura colonial, dos fazeres daquelas religiosas dentro e fora do educandário.

Antes da análise da Crônica II, torna-se necessário compreender o processo histórico da fundação da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora na Alemanha, no início do século XIX, e a base de sua pedagogia para, depois, analisarmos a vinda das Irmãs Escolares para o sul do Brasil, bem como suas impressões registradas nas Crônicas e suas ações, principalmente no campo educacional.

A EMERGÊNCIA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA NA ALEMANHA E A BASE DE SUA PEDAGOGIA

A fundação da Congregação ocorreu no dia 24 de outubro de 1833, pela religiosa Maria Teresa de Jesus Gerhardinger, no reino da Baviera, em Gerhardinger, *Neunburg vorm Wald*, atualmente território Alemão.

A fundadora dessa Congregação nasceu em 20 de junho de 1797, em Stadtamhof, próximo a Regensburg, no sul da Alemanha, uma pequena vila situada às margens do rio Danúbio. Ela faleceu aos 82 anos, no dia 09 de maio de 1879, em Munique. Foi batizada com o nome de Carolina Elizabeth Francisca Huber Gerhardinger por seus pais Willibald Gerhardinger e Maria Francisca Gerhardinger. Após a sua entrada na vida religiosa, passou a ser chamada Maria Teresa de Jesus. Isso aconteceu quando recebeu do Bispo Bonifaz Von Urban, na capela do São Gallus, em Regensburg, no dia 16 de novembro de 1835, os votos a fim de se dedicar ao magistério (ARNS, 2012).

No livro *Maria Teresa Gerhardinger: pedagoga do século XIX*, da autora Monika Grunewald (2012), é relatado que Madre Teresa, ainda criança, foi instruída por seus pais com base nos preceitos da fé cristã, aprendendo desde muito cedo com sua mãe a realizar trabalhos de caridade para os mais necessitados.

A ideia da caridade aparece em outra representação de Madre Teresa de Jesus (figura 1), em pintura exposta em parede do Colégio Sagrada Família de Forquilha – sem data definida. Nela, é possível observar a religiosa Madre Teresa com as vestimentas oficiais da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, acompanhada de duas meninas e uma jovem. Madre Teresa segura, em uma de suas mãos, um livro de capa vermelha, que parece simbolizar a missão da Congregação: a educação escolar e religiosa.

Figura 01: Representação da fundadora da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora (2019)



Fonte: Acervo do Colégio Sagrada Família em Forquilha, SC.

Maria Teresa nasceu e cresceu em um momento histórico de significativas modificações no cenário político, econômico e social da Europa Ocidental, o pós-Revolução Francesa de 1789 e o então período Napoleônico (1799-1815), juntamente com as transformações advindas da Revolução Industrial inglesa (1760-1840) e as revoluções de 1848, períodos nomeados pelo historiador inglês Eric J. Hobsbawm como A Era das Revoluções (ACRE, 2002).

Os conflitos do período histórico das revoluções no continente Europeu provocaram quantidade significativa de pessoas com precárias condições de sobrevivência, assim fomentando a miséria, a fome e, conseqüentemente, as desigualdades sociais. Essas condições ressoaram na vida cotidiana dos cidadãos do final do século XVIII e início do século XIX e, nesse cenário, congregações religiosas católicas assumiram trabalhos assistenciais nos grupos afetados, na tentativa de minimizar a miséria com ações de evangelização e caridade.

Miriam de Medeiros, integrante da Congregação das Irmãs Escolares, que defendeu sua dissertação intitulada “A categoria pobreza na formação dos membros da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora à luz de Enrique Dussel e Paulo Freire” (2017), afirma que Maria Teresa de Jesus contou com outras figuras que contribuíram para a formação da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. São elas: os sacerdotes Georg Michael Wittmann (1760-1833) e Franz Sebastian Job (1767-1834). Cada qual com sua função, “Wittmann, o grande idealizador, Job o ‘substituto’ de Wittmann e apoio e suporte financeiro após sua morte, e também a própria Carolina, que após a morte de ambos, buscou dar continuidade e concretizou os projetos dos dois sacerdotes” (MEDEIROS, 2017, p. 104).

Conforme Helena Arns (2012, p. 42), também membro da Congregação, em 16 de agosto de 1833, padre Job comunicou a Maria Teresa que os documentos para o início da Congregação haviam chegado de Munchen, e ela poderia realizar sugestões de mudanças para entregar posteriormente ao Bispo Diocesano para a sua aprovação. Contudo, Madre Teresa não realizou nenhuma alteração e aceitou o documento como tinha sido escrito por Job. O estatuto intitulado “Espírito da constituição do Instituto Religioso das Pobres Irmãs Escolares de Notre Dame”, com o intuito de conceder a educação à juventude feminina, apresentou na introdução o espírito da constituição das Irmãs Escolares de Notre Dame,

afirmando que “O Evangelho será pregado aos pobres [...]” e que tinha “[...] pena deste pobre povo”. Assim, todo o Espírito da constituição teve como embasamento o Evangelho.

Ainda, de acordo com Helena Arns (2012), o documento de fundação da Congregação aponta a extensão da vocação da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora em cinco pontos:

1. A PROBREZA – o fundamento do instituto.
2. A ESCOLA - o objetivo principal.
3. A COMUNIDADE – o elo espiritual.

A fim de dar ao Instituto religioso a necessária santidade, solidez e estabilidade, serão exigidos:

4. VOTOS – necessários para sua segurança.
5. PROTEÇÃO – (A clausura, a oração, a mortificação, o silêncio, o traje) (ARNS, 2012, p. 58).

O item Escola se apresenta como o objetivo central da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Ao tratar do ensino, o documento versa sobre os conteúdos e métodos por meio dos quais as irmãs devem se orientar na aplicação de seus trabalhos. Em relação aos conteúdos, o documento orienta para que seja observada a regulamentação das autoridades escolares das localidades onde as irmãs estiverem trabalhando. Entretanto, salienta que nas escolas elementares da instituição deve ser anexada uma escola industrial para que as meninas possam aprender trabalhos manuais. Além disso, a escola não deve apenas ensinar o ensino elementar e industrial, pois, de acordo com o documento, o mais importante é ensinar a formação dos corações jovens para o temor a Deus, a piedade e para a fidelidade vocacional da vida cristã, tendo como principal exemplo de educador a figura de Jesus Cristo (ARNS, 2012, p. 59).

Com base nesses preceitos, a Congregação estabeleceu sua linha de ação centrada na educação escolar, principalmente das meninas, com o intuito de que, quando se tornassem jovens, elas recebessem educação para serem futuras mães e boas esposas: “[...] puras e modestas, esposas delicadas e fiéis, mães piedosas e cristãs, donas de casa vigilantes” (ARNS, 2012, p. 60).

Há indícios de que o educador Johann Heinrich Pestalozzi⁵ (1746-1827) tenha sido a referência na concepção de educação da Congregação. Na obra escrita em 1989 pela

⁵ Johann Heinrich Pestalozzi nasceu no dia 12 de janeiro de 1747, em Zurich, Suíça, e faleceu em Brugg no dia 17 de fevereiro de 1827. De religião protestante, dedicou-se à escrita e a experiências com a educação escolar.

Congregação das Irmãs, intitulada “Teresa Gerhardinger: corajosa mulher de fé e de visão mundial”, é relatado que o padre Wittmann era entusiasta pelas ideias do pedagogo, o qual acreditava na formação feminina por intermédio de educadoras maternais. Padre Wittman “[...] atribuía às religiosas uma força especial, através do bom exemplo” (IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1989, n.p.).

Pestalozzi é considerado pai da Psicologia moderna, por isso seu nome está vinculado aos movimentos de reforma da educação do século XIX. Chamado de pai dos homens pobres, era apaixonado pelo homem em ação. Tinha em Jean Jacques Rousseau um exemplo de educação, sendo leitor assíduo do livro *Emílio*, o qual considerava um exemplo a ser seguido no processo educacional. Em sua jornada pela educação, Pestalozzi se dedicou ao cuidado das crianças pobres e abandonadas, e seus escritos foram inspirados em sua experiência, sendo o ato de amar as crianças uma de suas práticas de felicidade (SOETARD, 2010).

Alessandra Arce (2002, p. 216) afirma que Pestalozzi e Friedrich August Froebel (1782-1852) podem ser considerados os pioneiros do movimento escolanovista, pois, em suas obras, apresentam a análise da observação de seus alunos, que resultou na compreensão da “[...] importância da brincadeira do desenho infantil, a inutilidade dos castigos físicos, a necessidade de discussão entre os professores sobre o trabalho que esteja sendo realizado [...]”, destacando-se, assim, a seriedade do desenvolvimento infantil, que identificava a criança como um ser diferenciado do adulto.

As ideias de Pestalozzi se aliam às concepções dos fundadores da Congregação, assim como seus ensinamentos para educar as crianças desfavorecidas e a relevância dada à educação feminina. Um dos lemas de Madre Teresa de Jesus era que as “Crianças ricas encontram facilmente boas professoras. A nossa missão, porém, é dedicar-nos às crianças pobres” (GRUNEWALD, 2012, 31). Essa máxima de Madre Teresa dá indícios do vínculo fraterno das congregações católicas femininas com as crianças mais pobres da sociedade oitocentista europeia, fruto das guerras e das revoluções.

Como escritor, publicou obras sobre educação e política, dentre elas: *Diário de um pai* (1774), *Vigília de um solitário* e *Legislação e infanticídio* (1780); *Christopher e Alice* (1782), *Leonardo e Gertrudes* (1781-1790) e *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana* (1798); *Como Gertrudes ensina seus filhos* (1801), *Canto do Cisne* (1827) e cartas endereçadas ao inglês Greaves, que posteriormente formaram o livro *Mãe e filho* (1827) (SOETARD, 2010).

Nesse sentido, podemos considerar que a base da pedagogia das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, em especial no início de sua prática, encontra-se em consonância com as ideias de Pestalozzi, em especial quando se trata das questões relacionadas à relevância dada às mulheres na instrução das crianças na primeira infância. Esse ideal de educação percorria igualmente o ideal de formação das mulheres, pois, para ser uma boa mãe educadora, a mulher precisava aprender esse ofício. As Irmãs Escolares de Nossa Senhora (1989) reafirmam a importância que Madre Teresa dava à educação em modo familiar e de uma educação que lembrasse a educação dada nos lares pelas mães. Assim, a Congregação define:

A formação deve ser realizada em estilo familiar, as Irmãs devem ser para as crianças o que a “mãe é no lar”. Assim diziam os princípios pedagógicos formulados por Madre Teresa que nos influencia até hoje, com sabedoria universal, representando, porém, naquela época um programa revolucionário. O que Madre Teresa queria era o que chamaríamos hoje de “ensino formador”, uma pedagogia que não quer desenvolver apenas a inteligência, mas toda a personalidade. Formação do caráter e “escola para a vida”, em lugar de mera transmissão de conhecimentos especiais e preparação técnica (IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1989, p. 21).

Esses pontos da pedagogia que a Congregação projetava para as suas instituições escolares, apresentadas pelas Irmãs Escolares como o “ensino formador”, dialogam com o pensamento pedagógico de Pestalozzi e de diversos educadores do século XIX, como Froebel e Rousseau, isto é, uma instrução capaz de preparar o indivíduo para a vida fora da escola.

A congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora apresenta como seu carisma o “[...] compromisso com a promoção da vida e da unidade, amando, servindo e reverenciando a Deus presente nas pessoas e em toda a criação”. Desse modo, tendo como objetivo central de sua atuação a busca pela garantia das próximas gerações, a possibilidade de habitar em um mundo com qualidade de vida e de acesso aos bens criados, sejam possíveis a todos por meio da “[...] educação, da saúde, da evangelização, da promoção humana e das diversas pastorais” (DIOCESE DE CRICIÚMA, s/d).

Após a fundação da Congregação no final do século XIX, as Irmãs Escolares espalharam-se por diferentes países dos continentes europeu, africano, asiático e da

América, tanto do norte quanto do sul, em especial em localidades onde haviam colônias alemãs, como foi o caso do núcleo de Forquilha, localizado ao sul de Santa Catarina. O ideal da Congregação das Irmãs Escolares era a realização de trabalhos de cunho catequético, educacional e assistencial para as populações mais pobres.

A COLÔNIA ALEMÃ DE FORQUILHINHA E A CHEGADA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA

Os imigrantes de origem europeia que vieram para o Brasil na segunda metade do século XIX por intermédio das políticas de colonização do governo Imperial brasileiro buscavam terras que possibilitassem a produção de subsistência para seus familiares. Os primeiros alemães que chegaram a Santa Catarina se estabeleceram na colônia de São Pedro de Alcântara, em 1829, e de lá foram migrando para outras regiões do Estado, como a Colônia Santa Isabel, a Colônia de Teresópolis e a Colônia de Capivary, até chegarem ao vale do rio Mãe Luzia⁶, no início do século XX, entre os anos de 1911 e 1912, onde iniciaram a ocupação desse território chamado Forquilha (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

Entretanto, é relevante salientar que esse processo migratório dos alemães para a região de Forquilha ocorreu juntamente com o de outras etnias, como a dos luso-brasileiros, dos italianos, dos poloneses, e mais adiante, na década de 1970, dos japoneses. Mas os alemães se constituíram o grupo que centralizou a administração da região, assim formando um núcleo de colonos alemães. É importante mencionar que esses territórios ocupados pelos imigrantes no início do século XX já eram habitados pelos indígenas de etnias Xokleng, que além de habitar, circulavam pelas áreas territoriais do planalto serrano e o litoral dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. O contato com os povos europeus ocasionou vários conflitos, que resultaram no extermínio dos Xokleng⁷ (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

⁶ Essa localidade é denominada vale do rio Mãe Luzia, pois, geograficamente, está situada entre o rio Mãe Luzia e o rio São Bento, que se juntam e produzem um formato de força, assim originando o nome Forquilha (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

⁷ O povo Xokleng habitava e circulava no território do planalto serrano e do litoral dos três estados do sul do Brasil (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná). Isso significa que as áreas que foram ocupadas por imigrantes de diferentes nacionalidades já tinham sido ocupadas por esses povos que aqui produziam sua cultura e alimentavam-se com a caça e a coleta de alimentos (ZANELATTO; OSÓRIO, 2012).

Dentre os grupos familiares que chegaram ao vale do rio Mãe Luzia, o qual deu origem a Forquilha, está a família de Gabriel Arns, que deu início à construção de uma escola comunitária e da Igreja Católica. A partir da construção da escola particular em 1915, foi fundada a Sociedade de Pais e Mestres, que recebeu o nome de Sociedade União Escolar, sendo Presidente Gabriel Arns (ARNS, 2002).

De acordo com a literatura produzida pelas Irmãs da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, o padre responsável pela comunidade era o vigário Paul Linnartz, de nacionalidade alemã, que enviou cartas a Berlim para a Organização dos Católicos Emigrados pedindo a transferência de religiosas para o núcleo colonial de Forquilha que pudessem contribuir para o processo de escolarização dos filhos e das filhas dos colonos, bem como para os afazeres relacionados às demandas religiosas. Nas crônicas, as Irmãs descrevem esse pedido da seguinte forma:

A colônia de Forquilha, situada no meio da mata virgem, de há muito desejava religiosas da Alemanha. O vigário Paul Linnartz, de nacionalidade alemã, que cuidava da comunidade, enviou várias cartas a Berlim para o Rechenverband fur das katholische Auslandsdeutschum (Organização dos Católicos Emigrados), pedindo que mandasse religiosas para Forquilha. Padre Linnartz estava pessoalmente em contato com as Irmãs Ursulinas de Fritzer na Alemanha. Ele disse que a superiora daquele convento lhe tinha prometido mandar 3 religiosas para a sua colônia. (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935-1964, p. 03).

Como uma prática recorrente das missionárias das congregações religiosas católicas, as freiras recebiam pedidos para que fossem realizar trabalhos em diferentes territórios. No continente americano em especial, os pedidos eram para localidades onde havia colônias de imigrantes e descendentes de nacionalidade alemã para que elas pudessem contribuir para a educação dos filhos e das filhas dos colonos. O pedido para a vinda ao Brasil foi registrado com as seguintes palavras:

Em março de 1935, a superiora Maria Adolfina Meisner foi enviada a Berlim. Desde muito ela tinha o desejo íntimo de trabalhar nas missões. Em nome da Revda. Madre Maria Juditha Neumann, Provincial da Silésia, com base em Breslau, devia tratar do envio de 5 irmãs Escolares da Silésia para Lima, Peru, na América do Sul. A superiora Maria Adolfina recebera uma carta de uma das suas amigas de infância perguntando se a Congregação das Irmãs estaria disposta a abrir novamente a

“Escola Alemã” em Lima. A escola tinha sido fechada durante a guerra mundial de 1914-18. As superiores de Munchen e Breslau estavam prontas para aceitar a proposta. Por isto Madre Adolfina foi autorizada a entrar em contato com o Pe. Bakaau, Camiliano, em Lima. A resposta foi que as irmãs estavam sendo esperadas para os meses de junho/julho de 1935. Quando a superiora Adolfina, em março de 1935 se apresenta à Organização para os católicos Emigrados, em Berlin, pedindo ajuda financeira para a viagem das Irmãs, o Dr. Scherer, presidente da organização, apresentou-lhe um monte de cartas com as seguintes palavras. “As Irmãs viajarão para a mata virgem do Brasil e não para Lima. Sua Exa. o Bispo Berning deseja uma troca. As Irmãs Ursulinas de Fritzier podem reabrir a escola em Lima, Deus chama as irmãs Escolares para Forquilha (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935, p. 03).

Madre Adolfina recebeu as cartas enviadas pelo Pe. Paul Linnartz e tinha quatro dias para responder aos seus superiores a sua decisão de enviar as Irmãs Escolares para a colônia de Forquilha, em Santa Catarina. Ao comunicar a Madre Geral Maria Almeida sobre o pedido, esta convocou uma reunião para a leitura das cartas de Pe. Linnartz. Segundo as crônicas, as irmãs realizaram de forma alegre a leitura e aceitaram enviar seus representantes ao Brasil. Assim, as preparações para a viagem iniciaram, dentre elas o estudo da língua portuguesa.

Ao relatarem a preparação e o processo para a viagem ao Brasil, as Irmãs descreveram-na com ares nostálgicos, relatando a saída de uma região que parecia ser tão apreciada por elas. Desse modo, elas escreveram:

O senhor Friedrich nos esperava na estação ferroviária. Nos três dias seguintes cuidou de nós como um pai, conseguiu-nos o visto brasileiro, trocou dinheiro, comprou as passagens. Nós nos hospedamos no Raphaelsheim administrado pelas irmãs de Hiltrup. Aproveitamos o tempo para as cartas de despedidas para os nossos parentes na nossa querida Silésia e cantávamos cantos saudosos de despedida. (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935, p. 03).

Com as despedidas saudosas, as irmãs embarcaram no transatlântico “Monte Sarmiento”, atracado no porto de Hamburg-Sud, no dia 20 de setembro de 1935, e chegaram a Santa Catarina no dia 15 de outubro de 1935, dirigindo-se à localidade de Forquilha. As religiosas migraram para o Brasil em um contexto histórico marcado pelo intervalo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse período, o território alemão estava sendo governado pelo partido Nazista

comandado por Adolf Hitler que, segundo o historiador Martin Kitchen (2013, p. 23), instaurou uma ditadura que perseguiu opositores e críticos do seu governo, tal como assassinou, segregou e esterilizou as pessoas consideradas “[...] perigosas e debilitantes, como os deficientes físicos e mentais, os criminosos habituais, os homossexuais, os ciganos e os judeus”.

As irmãs vieram como missionárias educadoras para a região com a finalidade de proporcionar o acesso à educação escolar aos filhos e às filhas dos colonos que ali viviam. As primeiras Irmãs Escolares que chegaram à colônia de Forquilha foram: Ir. Maria Adolfinia Meissner, Ir. Maria Maximília Kaboth, Ir. Maria Inigo Likierki, Ir. Maria Thais Cyranka e Ir. Maria Emiline Mahlic.

Na imagem a seguir, tem-se a foto das primeiras religiosas da Congregação das Irmãs Escolares que chegaram à colônia alemã de Forquilha vindas da região da Silésia, na Alemanha⁸.

Figura 02: Primeiro grupo de religiosas a chegar em Forquilha (1935)



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Sagrada Família em Forquilha, SC.

⁸ As cinco primeiras Irmãs da Congregação das Irmãs Escolares chegaram à colônia alemã de Forquilha no ano de 1935. São elas, da esquerda para a direita, sentadas: Ir. Maria Adolfinia Meissner, Madre Maria Juditha, Ir. Maria Maximília Kaboth. E em pé: Ir. Maria Thais Cyranka, Maria Inigo Likierski, e Ir. Maria Emiline Mahlic (ARNS, 2000, p. 14).

Na crônica, as irmãs descreveram a chegada e as primeiras impressões que tiveram da colônia de Forquilha:

Dia 21 de outubro – chegada em Forquilha. Dia 23 de outubro – Nós moramos numa área verde. Nossa casa está construída sobre uma colina. Ao longo sobem as formas irregulares da Serra do Mar. Nós também podemos divisar a “Venda” situada na rua principal que atravessa toda a colônia. A nossa direita fica a propriedade do professor Jacó Arns. Ele é o nosso vizinho, mora a três minutos de nossa casa. A igreja fica numa colina a nossa esquerda, encoberta por mata. A colônia está situada numa região bela. (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935-1964, p. 03).

Alguns dias após a chegada das cinco Irmãs Escolares, elas descobriram que sua vinda para o Brasil estava permeada por desentendimentos entre o Pe. Linnartz e o Arcebispo Dom Joaquim Domingues. Na circunstância, o Pe. Linnartz necessitava muito da ajuda de freiras para que pudessem contribuir para os trabalhos educacionais e catequéticos na região; entretanto, para o seu superior, o Arcebispo Dom Joaquim Domingues, as freiras que estavam autorizadas por ele para virem da Alemanha eram as Irmãs da Ordem de Santa Úrsula, da região de Fritzlar, também do território alemão. Ocorreu que as irmãs ursulinas não foram enviadas, então o Pe. Linnartz, sem a autorização de seu superior e com a ajuda do Bispo de Osnabruck, Sr. Berning, negociou a vinda das irmãs escolares. Ao chegarem ao Brasil, elas relatam nas crônicas que agora compreendem “[...] a atitude que sua Excelência na primeira audiência concedida a Madre Adolfinia e Irmã Maria Maximilia na sua chegada em Florianópolis”, isto é, a hostilidade com a qual as cinco irmãs foram recebidas pelo Arcebispo Dom Joaquim Domingues na chegada a Santa Catarina, fazendo com que elas desconfiassem de que algo de errado estava acontecendo. Mas elas não imaginavam que esse seria o motivo até a chegada a Forquilha. Lá as irmãs descobriram que não poderiam iniciar os seus trabalhos na escola e também na igreja, pois o Arcebispo não as tinha autorizado. A justificativa foi de que ele tinha autorizado a vinda de Irmãs Ursulinas e não de Irmãs Escolares para o Brasil, mas que, com a troca, Pe. Linnartz agiu sem sua autorização (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935, p. 04).

Esse episódio fez com que as irmãs escolares não pudessem iniciar a sua jornada com a educação escolar na comunidade, visto que, além de todo o processo de adaptação

em uma nova localidade, elas ainda tinham que lidar com as disputas internas entre os seus superiores. Após relatarem esse episódio com muito pesar, as irmãs enviaram cartas com pedidos tanto ao Arcebispo como também tiveram conversas com os outros membros da igreja, pedindo a aceitação do superior da igreja. Esse incidente se alongou por quase um ano após a chegada das irmãs e foi apenas no dia 18 de março de 1936 que as irmãs, enfim, conseguiram a autorização de seus superiores para iniciarem os trabalhos na colônia.

Apesar do tumulto que marcou a chegada das irmãs ao Brasil, em contrapartida, elas relatam que receberam muito amparo da comunidade de Forquilha, que os imigrantes e seus descendentes as acolheram com muito afeto e ajudavam-nas levando alimentos e animais para a subsistência do grupo, contribuindo para que elas pudessem enfrentar as controvérsias que atravessavam na nova vida que estavam constituindo em território brasileiro.

O TRABALHO EDUCACIONAL E CATEQUÉTICO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA EM FORQUILHINHA

Mesmo sem a autorização dos superiores da igreja católica, no mesmo ano que chegaram, as irmãs foram auxiliando na educação escolar e começaram a lecionar na União Escolar de Forquilha, que funcionava desde 1915, com os professores Adolfo Back e Jacob Arns. O primeiro registro na crônica sobre o início dessa experiência foi assim descrito pelas irmãs:

Dia 18 de novembro – Nós iniciamos o ensino. Há dois grupos que até agora compreendiam três séries, ao todo 92 alunos, meninos e meninas. Sr. Jacó permanece como diretor da escola. Os alunos podem agora ser divididos em três grupos. A grande sala a direita foi dividida em duas, por uma parede de madeira. Desta forma o primeiro ano podia ter quase todas as aulas separadas do segundo ano. Sr. Jacó ensina português em todos os três anos. O professor Adolfo Back ensina ainda história e geografia pois estas três matérias português, história da pátria geografia, conforme legislação brasileira, só podem ser dadas por brasileiros natos. Irmã Maximília, leciona matemática em todas as três turmas além de cinco aulas de religião, uma de caligrafia e duas de canto. Maria Adolfin dá alemão desde o segundo até o sexto ano e ainda aulas de religião, canto e caligrafia. Irmã Inigo é professora de ginástica. A tarde vem um grupo de moças que já saíram da escola para ter aulas de artes industriais. (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935, p. 4).

Nesse relato, é possível serem observados vestígios do processo de nacionalização do ensino que ocorreu nos estados brasileiros no início do século XX e que se intensificou nos anos em que o presidente Getúlio Vargas governou o País, entre 1930 a 1945.

A reorganização das escolas em Santa Catarina por intermédio das políticas públicas dos governos republicanos foi pautada na modernização do ensino e na sua nacionalização. Nos primeiros anos, com a reforma do ensino comandada pelo professor paulista Orestes Guimarães, foram implementados os primeiros Grupos Escolares, que correspondiam a instituições modernas com recursos em suas instalações como espaços adequados com luminosidade e arejados que pudessem abarcar o novo modelo de ensino baseado no “método intuitivo” ou “lições de coisas”. Entretanto, a implementação dos Grupos Escolares não atingiu, no primeiro momento, as zonas rurais do Estado, ficando apenas concentrados nos centros urbanos. Nas áreas rurais, as escolas foram, em sua maioria, organizadas pela comunidade ou pelos governos municipais e era nesses locais que morava a maioria dos descendentes de imigrantes (NASCIMENTO, 2009, p. 127).

No caso de Forquilha, uma colônia de descendentes de alemães, a escola foi mantida pela comunidade com o apoio da Igreja Católica, que contribuiu com a vinda das Irmãs Escolares para que lecionassem com os professores existentes.

Dorval do Nascimento (2009), ao analisar o processo de nacionalização do ensino em 1911, destaca que, anteriormente a esse movimento, nas escolas de comunidades de imigrantes alemães, italianos, poloneses, entre outras nacionalidades estrangeiras, o ensino era ministrado em suas línguas de origem e os conteúdos, principalmente de geografia e história, valorizavam seus respectivos países.

O processo de nacionalização do ensino se intensificou no período correspondente ao Estado Novo, de 1937 a 1945, momento em que ocorreram modificações na legislação escolar proibindo os conteúdos de cunho ufanista europeu e orientando para que as aulas fossem ministradas por professores brasileiros. Nesse sentido, os conteúdos ensinados deveriam exaltar as grandezas geográficas, os personagens históricos e a história do Brasil dentro de uma perspectiva do pensamento positivista de compreender a brasilidade em curso à época. Para Cynthia Machado Campos (2008), em Santa Catarina, nesse período, ocorreram investimentos institucionais para controle e desenvolvimento de um modelo de

cidadão por intermédio de estratégias educacionais assistencialistas. Nessa perspectiva, ocorreu a necessidade de constituir a existência de “[...] um tipo de cidadão que pudesse atender aos chamados de uma ordem pública orientada por regulares e métodos [...]” (CAMPOS, 2008, p. 248), que demandou o movimento de padronização. Esse movimento levou a uma intensa escolarização dos catarinenses, particularmente nas questões do uso da língua nacional.

No excerto da crônica, supracitado, é visível o cumprimento dessa exigência quando mencionam as restrições quanto às disciplinas que deveriam ser ministradas apenas por professores que falassem a língua portuguesa. No entanto, é notável que mesmo com as restrições impostas pelo processo de nacionalização, aulas em língua alemã ainda eram ministradas na escola comunitária pelas irmãs.

Na continuação do relato sobre a escola, as religiosas mencionam o modo como os alunos pronunciavam a língua alemã em comparação aos imigrantes de localidades da Alemanha. As irmãs também observaram as novas variantes linguísticas que surgiram a partir da junção do alemão com o português, os dialetos tão comuns nas comunidades de migrantes. Na crônica, também está evidente o afeto que tinham pelos estudantes ao elogiarem suas qualidades escolares e simplicidade. Também está ressaltado o apreço que os alunos tinham por elas.

Nós gostamos muito dos nossos alunos. Eles são gente simples, espontâneos e sinceros e ainda não influenciados pelos vícios modernos. Cada encontro com eles é uma alegria para nós. São bem dotados, só a pronúncia do alemão é meio engraçada. Tem vestígios do dialeto que os antepassados do rio Mosela e da Wesfália falavam na Alemanha no tempo da imigração. Muitas expressões usadas no dia a dia são palavras brasileiras com sufixos da língua alemã. Um crianças reúnem-se no pátio escolar já uma hora antes do início das aulas. No momento que uma irmã com livros escolares sai de casa, todos os alunos correm ao seu encontro. Cada criança cumprimenta dando a mão a cada irmã. Depois de ter apertado 92 mãozinhas vamos para a sala para trabalhar. Os pequenos do primeiro ano começam seu estudo com aprendizagem em dois idiomas – alemão e português. Isto significa também aprender ao mesmo tempo letras alemãs e letras latinas. Os alunos encontram dificuldade na aprendizagem dos casos. Eles trocam os casos, especialmente, no uso dos pronomes pessoais. (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935, p. 04-06).

A intensificação do processo de nacionalização do ensino na escola da comunidade de Forquilha ainda é possível de ser observada em outros trechos da Crônica, como

naquele do ano de 1938, quando as irmãs relataram que as novas leis escolares para o Brasil incluíram a determinação que os estrangeiros não poderiam lecionar nas escolas primárias do país. Entretanto, as religiosas continuaram lecionando na escola mesmo com a proibição vigente. Assim, elas relataram:

No dia 19 de julho lecionamos, pela primeira vez, de acordo com o novo regime escolar, isto é, todas as matérias em língua portuguesa. Mesmo que as duas Irmãs, M. Maximília e M. Norberta, não fossem brasileiras e, assim, não tinham o reconhecimento como professoras, elas continuam lecionando como antes. Para o caso de uma inspeção, elas tiveram, como auxiliares, as futuras professoras: Erna Arns, desde março, e a outra, Olivia Arns, desde julho de 1938. As duas são brasileiras e receberam a formação metodológica pela Irmã Norberta. (CRÔNICAS DO COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA, 1935, p. 04-06).

A elocução acima expressa as tentativas de resistência das religiosas professoras perante as regras educacionais do governo brasileiro no período do Estado Novo. As irmãs buscaram estratégias para continuarem seus trabalhos educativos na colônia alemã.

Após receberem a autorização do Arcebispo Dom Joaquim Domingues a partir dos trabalhos realizados na comunidade com a educação escolar, a colônia recebeu mais duas levadas de Irmãs Escolares vindas da Alemanha. A primeira foi no dia 12 de novembro de 1936, e a segunda leva foi em 29 de maio de 1937. Chegaram a Forquilha, em 1936, as Ir. Maria Theophora Krzonkalla, Ir. Maria Honesta Janeck, Ir. Maria Apollonia Langer, Ir. Maria Beredina Wloka e Ir. Maria Achillea Jossecke; em 1937, as Ir. Maria Hilda Skrzpczyk, Ir. Maria Norberta Ogniewski e Ir. Diethilde Mosler.

As atividades das irmãs só aumentaram nos anos seguintes da chegada, já que em 1936 assumiram a administração do Hospital São José, em Criciúma, SC. Assim, as irmãs que vieram da Alemanha nas duas últimas levadas foram divididas, sendo algumas encaminhadas para os trabalhos na administração do hospital e outras para continuarem lecionando na escola do núcleo de colonos de Forquilha.

No ano de 1940, as Irmãs Escolares fundaram o primeiro convento anexo à escola. Em 1949, em conjunto com a escola, começou a funcionar o Curso Normal Regional, denominado Dom Daniel Hostin, sendo que no ano de 1953 o Curso Normal Regional passou a ser nivelado com o curso ginasial, assim a escola prestava os serviços desde a primeira série até o Ginásio. Já no ano de 1964, foi fundado o Grupo Escolar Frei Baltazar.

Em 1966, iniciou o pré-primário. A implementação do Ensino Médio se deu em 1978, com o nome de Colégio Daniel Hostin. Em 01 de janeiro de 1998, o Colégio passou sua nomenclatura para Colégio Sagrada Família, a qual permanece até os dias atuais. Todavia, as funções das Irmãs Escolares foram além da educação escolarizada. As missionárias trabalhavam na vida religiosa e comunitária, realizando também trabalhos de assistência às famílias da localidade e dos arredores por meio da instituição, como o Serviço de Promoção Humana “Irmã Norberta”, fundada em 1972. As irmãs também atuaram na casa Mãe Helena – Centro Regional de Treinamento da Pastoral da Criança –, na casa de formação e na casa de repouso de Forquilha. O local que atualmente abriga a escola foi a primeira casa construída pelas Irmãs Escolares na América do Sul com a ajuda dos colonos de Forquilha e seus descendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As religiosas da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, que migraram para Forquilha no início do século passado, tinham como objetivo contribuir para a educação escolar e catequética dos descendentes dos imigrantes alemães que habitavam o território brasileiro, em específico a localidade de Forquilha, em Santa Catarina.

Há evidências de que em território alemão a Congregação tenha atuado com base em preceitos da educação de pensadores da Pedagogia Moderna Europeia, como, por exemplo, Pestalozzi, Froebel e Rousseau, e principalmente com base na pedagogia cristã católica da fundadora da congregação, ou seja, Madre Teresa de Jesus.

Por intermédio dos escritos da Crônica II, foi possível compreendermos o processo de chegada e adaptação das Irmãs e suas trajetórias como educadoras missionárias em uma colônia de imigrantes no extremo sul de Santa Catarina. Também que é possível analisar a trajetória tanto das irmãs como de seus compatriotas no processo de migração alemã para o sul de Santa Catarina e as contribuições da Congregação por meio da educação escolar para manter presente a cultura, a língua, os modos e os costumes da nação alemã em território brasileiro.

Ao lermos os relatos presentes no livro Crônica, realizamos uma viagem no tempo e espaço acompanhados das narrativas escritas pelas irmãs, as quais relataram com

detalhes as vivências, as situações cotidianas, as socialidades, as inquietações e as alegrias da nova vida no Brasil. Com base nos registros, observamos os esforços das irmãs e de seus compatriotas para preservarem tradições alemãs em território nacional por meio da educação escolar e religiosa, com as festividades, os grupos de dança de cultura alemã, os teatros, a leitura de livros no idioma alemão, entre outros mecanismos de preservação da cultura e da língua alemã.

O ideal dos imigrantes era, por meio da educação escolar e catequética, buscar manter vivos a cultura, o modelo de educação do seu país de origem, ou seja, uma sociedade que buscava a extensão da Alemanha em outro território, cultivando sua língua de origem, sua cultura, sua religiosidade, sua memória e história e seus modos e costumes. Mesmo a partir de 1930, enquanto ocorriam os governos de Getúlio Vargas (1930-1945) e a intensificação do processo de nacionalização do Brasil e, conseqüentemente, do ensino, a tentativa dos imigrantes alemães de manter viva a sua cultura por meio da educação escolar de seus filhos/as se fazia presente, pois, a pedido da comunidade, o Padre Paul Linnartz solicitou a vinda de irmãs professoras da Europa que pudessem ensinar as crianças, ou seja, era necessário instrutoras que tivessem o mesmo vínculo cultural dos imigrantes que aqui estavam para que fosse possível a manutenção do modelo de sociedade europeia mesmo em outra nação.

Contando com o apoio de seus compatriotas, as Irmãs da Congregação vieram para Santa Catarina com o ideal de proporcionar uma educação missionária aos filhos e às filhas dos imigrantes europeus. Mesmo que a base pedagógica das Irmãs Escolares tenha sido a europeia, faz-se necessário ponderarmos uma transnacionalização de suas pedagogias, sendo que a realidade que as cercava no Brasil era muito diferenciada da realidade da Alemanha; assim, tanto os estranhamentos quando as equivalências determinaram uma pedagogia missionária própria das Irmãs Escolares em Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ACRE, Alessandra. **A pedagogia na “Era das Revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

ARNS, Maria Helena. **A Bem Aventurada Maria Teresa de Jesus**: fundadora da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Forquilha, SC: Ed. Formsul, 2012. 222 p.

CAMPOS, Cynthia Machado. O Perigo das Escolas. In: CAMPOS, Cynthia Machado. **Santa Catarina, 1930: da degenerescência à regeneração**. Florianópolis/SC: Editora da UFS, 2008.

DIOCESE DE CRICIÚMA. **Irmãs Escolares de Nossa Senhora**. Disponível em <http://www.diocesecriciuma.com.br/irmas-escolares-de-nossa-senhora> Acesso em 01 jun. de 2021.

GRUNEWALD, Monika. **A Pedagogia do século XIX: Maria Teresa Gerhardinger**. Munique: Alemanha, Ed. Sadifa Media, 2012.

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA – IENS. **Teresa Gerhardinger: Corajosa Mulher de Fé e de Visão Mundial**. Tradução das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Texto e material fotográfico: Provincialatos das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, München, Porto Alegre e São Paulo. Colaboração de Christian Feldmann. Strasbourg: Editions Du Signe, 1989. 52 p.

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA – IENS. **Crônicas do Convento Sagrada Família das Irmãs Escolares de Nossa Senhora: Forquilha** – Município de Criciúma Estado de Santa Catarina. Parte I – Fins de 1935 a 1936. Cronista Adolfine Meisner. Tradução de M.Norberta Ogniewski.

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA – IENS. **Crônicas do Convento Sagrada Família das Irmãs Escolares de Nossa Senhora: Forquilha** – Município de Criciúma Estado de Santa Catarina. Partes II e III – Fins de 1936 a 1964. Cronistas Adolfine Meisner e Maximilia Kaboth. Tradução de M. Helena Arns.

KITCHEN, Martin. **História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias de hoje**. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. São Paulo, Ed. Cultrix, 2013.

NASCIMENTO, Dorval. Nacionalização do ensino catarinense na Primeira República (1911-1920). **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 21, p.123-143, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38543>. Acesso em: 05 maio 2021

MEDEIROS, Miriam de. **A categoria pobreza na formação dos membros da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora à luz de Enrique Dussel e Paulo Freire**. 2017. 274 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

SOETARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010.

ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha, SC, Ed. UNESCO, 2012.

Enviado em: 17-06-2021

Aceito em: 28-09-2021

Publicado em: 29-09-2021